

Apresentação

**VERTENTES DA LITERATURA: QUESTÕES SOBRE LEITURA,
ENSINO E PESQUISA NO XIV SEMINÁRIO DE ESTUDOS
LITERÁRIOS (UNESP/FCL-Assis)**

Sandra Aparecida Ferreira
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

A notícia de que Antonio Candido (1918-2017) assumiria o cargo de professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Assis causou grande surpresa às pessoas de seu entorno social. Uma fagulha do espanto, conforme informa Rodrigo Ramassote, cintila no registro feito por Candido sobre a reação do amigo Paulo Emílio Salles Gomes, então na Europa: “Que coisa extraordinária! Antonio Candido vai poder afinal se dedicar à literatura, e ensinando literatura brasileira naquela paisagem da Umbria! Que coisa extraordinária! (risos). Ele imaginou que seria uma faculdade italiana e me viu em Assis, na Úmbria”. Esclarecida a homonímia geográfica, o notável crítico de cinema teria bradado: “Assis da Sorocabana? Então o Antonio é uma besta!” (RAMASSOTE, 2010, p.105-106).

A junção entre literatura e sociedade unifica, em 1945, a trajetória de Antonio Candido que obteve o título de livre-docente em Literatura Brasileira, com a tese *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Também já atuava, desde 1942, como assistente de ensino de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nessa universidade, defendeu, em 1954, seu doutorado em ciências sociais, com a reverenciada tese *Os parceiros do rio Bonito* (cf. UNIFESP, Perfil Antonio Candido).

Em 1958, decorridos dezesseis anos nas sendas sociológicas, surgiu a ocasião para enveredar-se definitivamente pela área da literatura. No contexto da experiência inovadora e meritória de interiorização do ensino superior, por meio dos Institutos Isolados (dos quais a Faculdade de Letras de Assis era parte), Antonio Candido assumiu a cadeira de Literatura Brasileira na recém-criada Faculdade de Filosofia de Assis (FAFIA), a convite de seu primeiro diretor, Antonio Augusto Soares Amora (1917-1999). Em várias ocasiões, Antonio Candido referiu-se à importância de seus dias assisenses para o exercício

docente a que, então e depois, deu constante e elevada projeção:

Nesse período, eu estava simplesmente desenvolvendo a arte de ser professor de Literatura. Ali eu me dediquei, sobretudo, a me tornar um bom analista de textos. Eu preparei então uma série de textos de Literatura Brasileira, de prosa e de poesia analisados. Quando eu vim para São Paulo, estava com um material de ensino pronto, foram mais de trinta textos que eu preparei. Eu analisei com os alunos de Assis dois romances brasileiros que depois eu retomei em São Paulo: *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, e *Senhora*, de José de Alencar, sobre os quais escrevi depois. Isso eu preparei em Assis, de modo que, para mim, foi extremamente fecundo. A Faculdade de Assis foi muito importante para mim porque me deu um tirocínio: eu tive dois anos para aprender a ser um analista de textos literários (CANDIDO, 2001 / Depoimento, *apud*: OLIVEIRA, 2018, p.155).

Um dos mais admiráveis intelectuais brasileiros, Antonio Candido foi, como observa Benedito Antunes: “um humanista convicto, que aplicou seus princípios em tudo o que fez ao longo da vida. Professor, pensador e militante político, teve em todas essas atividades uma atuação notável, que quase não encontra paralelo” (2018, p. 30). A permanência, tão breve quanto marcante, do autor da *Formação da Literatura Brasileira* em Assis honra imensamente a memória universitária local, tanto que, em 1988, ano do 30º aniversário da Faculdade de Letras, Antonio Candido recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP (cf. OLIVEIRA, 2018, p. 156). Em “Antonio Candido e a interiorização do ensino superior”, Álvaro Santos Simões Junior sintetiza a contribuição decisiva desse estudioso para a Faculdade:

Ao partir de Assis, Candido havia deixado, para sempre, um modelo de instituição universitária que atendia a legítimas reivindicações pela interiorização do ensino superior, introduzia uma estrutura administrativa e acadêmica essencialmente democrática, associava os alunos à pesquisa, como pesquisadores em formação, e impunha à pesquisa, entendida como base do ensino, um padrão de qualidade que lhe permitisse ombrear com instituições internacionais similares. Interiorização sim, mas com ambições científicas. (2018, p. 27)

Em 2018, comemoravam-se o centenário de nascimento de Antonio Candido e os sessenta anos da Faculdade de Letras assisense e, para marcar ambas as datas, o “Prédio I” do *campus* – denominação genérica atribuída pela

comunidade universitária – recebeu novo e justo nome. Esse edifício configura-se como uma moderna peça arquitetônica de João Walter Toscano (1933-2011), em que a solidez do concreto da fachada principal é suavizada por elementos vazados, os quais dialogam bem com a transparência das paredes de vidro e a exuberância vegetal da paisagem. Sobre o sonho que antecedeu o projeto de Toscano para a construção do edifício central, um competente engenheiro civil (além de grande poeta português, à época exilado no Brasil, exercendo a função de primeiro professor de Teoria Literária em Assis) afirmou:

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis tem de cumprir uma função social, pelo que representa na cidade, e pela ação que indiretamente, através dos alunos, poderia exercer sobre ela. Esta função deve ser atendida principalmente, destacando-a da parte social que qualquer organismo modernamente concebido terá de concluir (SENA *apud* ARTIGAS, 2002, p.46).

Depositário das altas expectativas dos docentes pioneiros e levantado dos croquis de um notável arquiteto paulista, o valoroso Prédio I recebeu, sob a forma de homenagem da Faculdade de Assis ao grande crítico literário brasileiro, de espírito sempre empenhado na defesa de princípios democráticos e socialistas, a notável distinção de: “Prof. Antonio Candido” (cf. FERREIRA, 2018, p. 6). O nome deste extraordinário pesquisador honra os ideais e a beleza da construção, a despeito da preservação desatenta que esse marco arquitetônico tem merecido, bem como reafirma os ideais humanistas do curso de Letras da FCL – Assis.

No Rio de Janeiro, o servidor público Rui da Cruz Júnior lembrou que, no chão em frente ao Museu Nacional, lia-se a exortação: “Todos que por aqui passem protejam esta laje, pois ela guarda um documento que revela a cultura de uma geração e um marco na história de um povo que soube construir o seu próprio futuro” (2018¹). A convocação à responsabilidade coletiva não bastou para salvar o Museu Nacional das chamas devoradoras de um patrimônio cultural e científico de importância incalculável. Quando o XIV Seminário de Estudos Literários ocorreu (26 a 28 de outubro de 2018), a ciência e a cultura brasileiras estavam enlutadas pelo desaparecimento do Museu e na soleira do asfíxiante chão de fumaça instalado logo depois pelo regime bolsonarista.

Em 2018, impunha-se que o XIV SEL também prestasse sua homenagem a Antonio Candido, inicialmente, por meio do depoimento da designer, editora e romancista Ana Luísa Escorel que, gentilmente, partilhou informações sobre o período vivido por Antonio Candido em Assis e os esforços empreendidos para a reedição de sua obra, pela Editora Ouro sobre

¹ Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2018/09/queimamos-o-quinto-maior-acervo-do-mundo/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

Azul. Os leitores deste número da *Miscelânea*, no depoimento “Antonio Candido e Assis”, de Escorel, ganham acesso a cenas memoráveis, menos públicas, mas não menos importantes da personalidade de Candido.

No lastro dessa homenagem, o vídeo de “Na sala com Antonio Candido” (entrevista concedida pelo professor em 22 de maio de 2008) foi apresentado e comentado por Gilberto Figueiredo Martins. A *Miscelânea*, com grande satisfação, torna pública a transcrição desse inestimável registro de um diálogo em que o estímulo certeiro das perguntas de Martins gera respostas notáveis por Candido. O professor entrevistado rememora a centralidade de Antonio Soares Amora na consolidação do curso de Letras, as excelentes condições de trabalho nesse curso, a organização e realização do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Com muito gosto, Candido também discorre sobre aspectos de sua atividade crítica e docente, entre outros temas essenciais.

Para além da comemoração do centenário de nascimento, a necessidade de manter Antonio Candido presente encontra exata explicação nas palavras de Benedito Antunes: “Recordar sua bela figura e principalmente refletir sobre sua obra é uma forma de se contrapor às adversidades do presente”, pois o professor Candido notabilizou-se “pela inteligência, humor e clareza na exposição da matéria” (2018, p. 31). Aqueles que o conheceram mais de perto o descrevem como um homem que era extremamente discreto e suave, sendo tais traços um perfeito contraponto à força de sua atividade mental.

Neste número da *Miscelânea*, a impressionante trajetória de um intelectual que manteve sua crença no aperfeiçoamento contínuo da humanidade ressoa lindamente na reflexão da ensaísta portuguesa Ana Margarida Ramos, fortemente preocupada com os princípios da formação de leitores de textos literários em contexto escolar, com vistas à proposta de uma educação literária. O ponto de partida de Ramos, em “A urgência do direito à literatura: formar leitores para ler o mundo”, é a constatação da perda de espaço e relevo sofrida pela literatura no mundo atual, um evidente contrassenso, porque, como bem defende a ensaísta, a leitura literária é decisiva para a formação do indivíduo. Frente a esse quadro, Ramos postula a urgência de que a leitura seja percebida e praticada não como dever, mas como direito.

O contributo de Eliana Yunes em “Leitura, políticas públicas e... literatura, direito do público” expõe sua trajetória exemplar em defesa da leitura e de políticas públicas que sejam comprometidas com a formação social, por meio da leitura e da escrita. Sempre empenhada na criação de uma política nacional de leitura, Yunes lembra que se somam já 32 anos desta luta, ao longo dos quais compreendeu que os fundamentos políticos não são os das leis, mas os da ação cotidiana em que a leitura seja efetivamente uma “experiência viva” de todos. Se a responsabilidade coletiva pelas práticas sociais exige a participação política, é certo, lembra Yunes, que a convivência com a literatura amplia os horizontes do indivíduo para sua própria interioridade e para o encontro com o

outro.

Em “Leitura literária na sala de aula: socialização de uma proposta metodológica”, Valdirene Barboza de Araújo Batista e Rafaela Stopa apresentam resultados da aplicação de uma sequência didática, denominada “A poética trovadoresca: entre Manuel Bandeira e as cantigas de amor”. Por meio dessa proposta dialógica para a sala de aula, as autoras discorrem sobre aspectos relacionados tanto aos baixos índices de proficiência leitora, quanto ao caráter desafiador da atividade, ressaltando o quanto a perspectiva dialógica pode contribuir para a formação de leitores e para a valorização estética do texto literário. Na proposta apresentada, Araújo e Stopa enfatizam a inexistência de rigidez no roteiro, de modo a favorecer um conjunto de leituras pertinentes, orientadas pelo horizonte literário e cultural em que os textos lidos se enraizam.

Em continuidade com a perspectiva teórico-prática dos artigos anteriores, “Leitura e trabalho: um diálogo possível”, de Gilda Maria de A. Rocha B. de Carvalho, apresenta uma incontornável questão (“o que a leitura efetivamente faz com a gente?”) para pensar sobre as transformações desencadeadas pela experiência de leitura. Carvalho assinala as perspectivas abertas para os modelos institucionais no século XXI, com destaque para o lugar da tecnologia e da leitura nesse cenário, o que permite à autora discorrer sobre sua experiência no “Programa Destrava Línguas de Formação de Leitores” (PUC-Rio/Cátedra UNESCO de Leitura), com vistas a destacar a dimensão humanizadora do ato de ler.

Diana Navas focaliza a importância da materialidade do livro para os vários significados do texto literário no artigo “A expansão dos sentidos a partir da materialidade do livro: leituras de *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza”, em que, analisando duas edições da obra referida no título, discorre sobre o projeto gráfico como decisivo para produções literárias destinadas aos jovens leitores. A utilização de múltiplas linguagens nessas produções, como observa Navas, demanda que a leitura ative os diferentes sentidos dos leitores para a percepção não só da polissemia literária, mas também da composição híbrida de suas linguagens. Ao analisar as edições de uma mesma obra de Carrascoza, a ensaísta chama a atenção para o quanto o design gráfico tem inovado o objeto livro e construído um novo tipo de leitor.

Alceu João Gregory, em “Sobre o caráter redentor da literatura”, compartilha com os leitores sua convicção a respeito das possíveis repercussões da literatura como via de humanização. Para isso, recorre inicialmente à defesa da literatura feita pelo ensaísta e romancista alemão Alfred Döblin (1878-1957), ao propor que o romance deveria adotar uma dimensão épica, que evidenciasse o compromisso do romancista com a denúncia da desorientação humana. Em seguida, Gregory dialoga com pressupostos teóricos de Bakhtin e retorna a Platão, com quem compartilha a descrença quanto ao alcance da literatura no ajuste dos parafusos soltos do mundo, saga para a qual, segundo Gregory, apenas duas personagens estariam aptas.

Por sua vez, em “*Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado: um romance histórico sobre o racismo no Brasil”, Crisandeson Miranda e Edvaldo A. Bergamo tratam da eficaz intersecção entre literatura e história em uma narrativa de ficção que revela o racismo e a desigualdade social como o solo em que se enraíza a sociedade nacional. Miranda e Bergamo destacam aspectos estruturantes do romance histórico como gênero para bem demonstrar como a representação das relações sociais por Jorge Amado, sem paternalismo ou prepotência, incorpora as agruras da população negra e mestiça no início do século XX. Os autores evidenciam como as relações sociais no romance analisado desnudam o preconceito racial entranhado na sociedade brasileira.

Angela Simone Ronqui Oliva, em “Um Crime ‘Passional’: uma análise do conto maravilhoso ‘Uma Questão De Educação’, de Marina Colasanti”, observa no referido texto da escritora, o tratamento concedido ao notório tema do assassinato de mulheres por seus parceiros. Seu propósito é refletir sobre a maestria com que a violência doméstica representada por Colasanti ganha contornos potentes para denunciar a desmesurada violência de que as mulheres são vítimas, em um arco de cenas marcadas pela progressiva e irremediável despersonalização da mulher pelo homem.

Em “Os diários de Ichiyô Higuchi: uma poética do dia a dia”, Joy Nascimento Afonso e Gabriela Kvacek Betella apresentam aos leitores uma voz feminina da literatura japonesa no Período Meiji (1868-1912). Com uma obra diarística composta por 55 volumes e consagrada pela crítica em seu país, Ichiyô Higuchi (1872-1896) é uma autora ainda inédita no Brasil. Em razão disso, Afonso e Betella expõem informações biográficas, como pano de fundo, para analisar aspectos da fusão entre poética literária e escrita do cotidiano nos diários da primeira escritora japonesa a destacar-se nos tempos modernos.

Adriana Mattoso Rodrigues, em “*Le baobab for*: um exemplo de romance de formação feminino negro”, analisa essa obra autobiográfica, publicada em 1982 pela escritora senegalesa Ken Bugul (1947-), à luz das características gerais do romance de formação, particularizado pelo fato de tratar-se de uma narradora “mulher, negra e africana”, cuja perspectiva é a da intelectual no exílio, de modo que aos traços da formação se justaporiam os da transformação.

Ao refletir sobre a produção de textos e conhecimento na pós-graduação, Pablo Simpson apresenta uma síntese lúcida sobre as vertiginosas mudanças recentemente ocorridas nas práticas de pesquisa e de divulgação. Em “Notas sobre a Pós-Graduação em Letras”, Simpson considera alguns aspectos da pesquisa em Letras no Brasil sob a incontornável perspectiva das avaliações, destacando o crescimento de uma “cultura da performatividade”, um tanto infensa a questões cruciais como a da assimetria entre a produção científica e sua recepção. No horizonte nítido composto por Simpson – em que a obrigatoriedade do mestrado para ingresso no doutorado vai desaparecendo e os resultados de pesquisa ainda inconclusas são imediatamente publicados –, o

trabalho universitário parece pautado mais pela perspectiva da publicação de artigos que pelas exigências da pesquisa. Simpson alerta, portanto, para os riscos implicados na maior aderência à produção que à formação.

A partir da reflexão sobre o (neo)nacionalismo como formação discursiva, em “Nação e Narração: por uma imagologia dos ‘personagens históricos’ no Brasil”, Nabil Araújo passa a crivo a investigação de José Murilo de Carvalho em “Nação imaginária: memórias, mitos e heróis” (2003). Muito oportunamente, Araújo assinala o caráter de pantomima nacionalista característico dos populistas no poder e, a partir da simbologia de suas atitudes, faz uma visita reveladora ao programa de Carvalho e lança um olhar agudo também à *História poética do Brasil* (1943), de Jamil Almansur Haddad. Nesse ensaio de Araújo, a reflexão sobre a imagologia construída pelas narrativas da nação é exemplarmente ilustrada pelas “(re)figurações” dedicadas a Antônio Conselheiro.

O tema atualíssimo da produção vasta e da recepção breve parece encontrar um potente antídoto naquele que fecha a sequência de artigos deste número da *Miscelânea*: “O ensaio na época da morte do ensaio”, de Alcir Pécora. Destacando que o repensar-se periodicamente é uma ação vital para a Universidade, Pécora assinala o impacto do cenário internacionalizado, das novas tecnologias virtuais e da economia de mercado para a produção de conhecimento na Universidade. Sua questão fundante volta-se para o como preservar a Universidade pública e as Humanidades da dissipação de que são alvo. Se a exigência forte das avaliações é a de publicação, Pécora propõe que as Humanidades se preparem efetivamente para isso, assegurando que os primeiros anos de formação sejam marcados pela leitura ampla, “que incita ao comentário livre e não sistemático”. O ensaísta lembra que, a favor das Humanidades, temos o gênero de escrita que lhes é próprio e central: o ensaio, em cuja singularidade da forma se inscreve uma autoria também única.

Para arrematar o percurso de leitura, outro prazeroso recanto desta *Miscelânea* encontra-se na resenha de Álvaro Santos Simões Junior do livro *Razão nas Letras*: a obra e o percurso de Roberto Acízelo de Souza (2019), de José Luís Jobim e João Cezar de Castro Rocha.

A pesquisa e a divulgação só podem ser a contraface de uma mesma moeda, se resultantes de formação cuidadosa e ampla, com espaço e tempo para se enxergar com nitidez as possibilidades de escolha e tratamento do tema, com as condições indispensáveis da liberdade de pensamento e do respeito às singularidades de cada área de conhecimento. Para concluir, lembramos mais uma vez nosso homenageado, Antonio Candido, que, rememorando a concessão das primeiras bolsas para as Humanidades pela Fapesp, assinalou a importância da agência paulista de financiamento para o aprimoramento da concepção do trabalho universitário e, *cum grano salus*, acrescentou:

Lembro que quando se falou de tempo integral para o setor de

Humanas (ali por 1946 - 47), várias importantes personalidades universitárias se mostraram escandalizadas: tempo integral para quem não usava laboratórios nem fazia experimentações? Passadas as reticências iniciais, a FAPESP foi decisiva para mudar essa visão obsoleta. (2002, p. 95)

As novas gerações estão acoçadas, mais uma vez, pela obsolescência que almeja destruir a cultura e as ciências (e, mais notadamente, as Humanidades). A oposição ao obscurantismo no cenário brasileiro, que põe em risco as nossas maiores conquistas, é uma questão de sobrevivência para as universidades públicas brasileiras. Cada texto aqui publicado é também um ato de resistência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. O humanismo de Antonio Candido. *UNESPCIÊNCIA*, São Paulo, n. 98, p. 30-1, ag. 2018.

ARTIGAS, Rosa Camargo (org.). *João Walter Toscano*. São Paulo: Editora da UNESP; Instituto Takano, 2002.

CANDIDO, Antonio. Depoimento. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, Edição Especial 40 Anos, p.94-5, jun. 2002.

CRUZ JR., Rui da. Queimamos o quinto maior acervo do mundo. In: *Blog do Juca Kfoury*. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2018/09/queimamos-o-quinto-maior-acervo-do-mundo/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

FERREIRA, João Pedro. Locais da Faculdade ganham novos nomes. *Nosso Campus*, Assis, n. 41, p. 6, ag. 2018.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. Antonio Candido: uma história de luta em defesa da universidade pública e dos trabalhadores. *Universidade e Sociedade*, Brasília (DF), n. 62, p.150-61, jun. 2018.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista IEB*, São Paulo, n. 50, p. 103-28, set.-mar. 2010.

SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. Antonio Candido e a interiorização do ensino superior. *Revista USP*, São Paulo, n. 118, p. 13-28, jul.-ag., 2018.

UNIFESP/DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL. *Perfil Antonio Candido* (principais títulos, prêmios e obras). Disponível em:

<<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/edicoes-anteriores-entreteses/item/3115-perfil-antonio-candido-complemento>>. Acesso em: 20 out. 2020.